

## ETNOMICOLOGIA BRASILEIRA

Oswaldo Fidalgo  
Instituto de Botânica, cx.p. 4005  
01000 - São Paulo (SP) - Brasil

Danusa José Muniz Poroca  
Departamento de Micologia - CCB/UFPE  
Av. Prof. Artur de Sá, S/N - Cidade Universitária  
50.000 Recife (PE) - Brasil

### RESUMO

Iniciada em 1965, a *Etnomicologia brasileira* tem demonstrado algum progresso durante estes doze anos. Até a momento somente os índios Yanomano são conhecidos por usarem fungos em sua dieta diária. Poucas outras tribos farão uso de fungos comestíveis somente na ausência de outras fontes alimentares. As espécies de fungos mais comumente usadas como alimentos, pertencem às subfamílias *Polyporoideae* e *Lentinoideae* das *Aphylllophorales* ou das *Agaricales*. Algumas tribos mostram um acentuado instinto taxonômico e tem um epíteto para nomear todos os fungos superiores, mesmo que difiram em forma e cor. As vezes uma palavra especial é empregada somente para espécies comestíveis. Um total de 105 nomes micológicos indígenas são catalogados, sendo identificado os de vinte e uma (21) espécies de fungos usados na dieta indígena.

### RESUMEN

La *Etnomicología brasileira*, a pesar de su reciente inicio (1965), ha demostrado ciertos progresos en estos doce años. Hasta el momento, solamente los indígenas Yanomano son conocidos por consumir hongos en su dieta diaria. Pocas de las otras tribus recurren a ellos en la alimentación salvo en ausencia de otras fuentes alimenticias. Las especies fúngicas comúnmente utilizadas como alimentos pertenecen a las subfamilias: *Polyporoideae* y *Lentinoideae* de los *Aphylllophorales* y los *Agaricales*.

*Algunas tribus muestran un acentuado instinto taxonómico y tienen un epíteto para nombrar los hongos superiores, aunque ellos difieran en forma y color. Algunas veces una palabra en especial es empleada para los especímenes comestibles. Ciento cinco (105) nombres micológicos indígenas han sido catalogados, siendo identificadas veintiún (21) especímenes usados en la dieta indígena.*

### ABSTRACT

[ Brazilian Ethnomycology ]

Starting in 1965, Brazilian Ethnomycology has shown some progress during these twelve years. So far, only the Yanomano Indians have been found to use fungi in their daily diet. Few others tribes will have edible fungi only in the absence of other sources of food. The species of fungi, most commonly used as food, belong to the subfamilies *Polyporoideae* and *Lentinoideae* of the *Aphylllophorales* or to the *Agaricales*. Some tribes show a sharp taxonomic instinct and have an epithet to name all higher fungi, even if they differ in shape and colour. At times a special word is used only for edible species. A total of 105 mycological indian names are listed and 21 species of fungi used in the indian diet are identified.

### 1.- INTRODUÇÃO

A presente geração assiste, atônita, a célere

dilapidação de seus recursos naturais e a consequente extinção de espécies que, por suas múltiplas propriedades poderiam ser colocadas a serviço da humanidade;

assiste a contaminação dos povos indígenas pela dita civilização moderna, soterrando, de forma irreversível, uma quantidade incalculável de preciosos conhecimentos por eles adquiridos; tudo isso decorrendo da incapacidade dessa geração de se antecipar a esses processos destrutivos, estudando as propriedades de animais, plantas e fungos e tomando conhecimento e registrando os dados acumulados pelas diferentes culturas de povos primitivos.

Cientes desses fatos, lutam os cientistas para a conscientização da humanidade em prol da conservação da natureza e de seus recursos naturais, propondo o estabelecimento de verdadeiros santuários na forma de reservas e parques garantindo, assim, a formação de verdadeiros bancos naturais de patrimônios genéticos, como um potencial em reserva a ser oportunamente colocado a serviço do homem.

De outra parte, procura desenvolver hoje a etnologia e áreas colaterais, como a etnobotânica e a etnomicrologia, esta, objetivando o estudo e o registro dos costumes e de toda cultura material e espiritual dos povos primitivos vinculada aos fungos; visa esta, assim, transferir para a civilização moderna todo acervo de conhecimentos micológicos desses povos, com o fim de impedir sua perda total e tornar possível sua adequada aplicação.

Poucos são os povos primitivos efetivamente micófilos, entres os quais, os fungos, possam ser considerados como desempenhando relevante papel em suas culturas; no entanto, mesmo os não micófilos, demonstram possuir conhecimentos sobre fungos que não devem, de qualquer forma, ser desprezados e perdidos.

Até o presente, a etnomicrologia, tem reunido um conjunto ainda bastante reduzido de dados. Existem informações sobre conhecimentos micológicos de diversos povos do nordeste asiático (Mingoia, 1970), de Papua e Nova Guiné (Singer, 1958) e na África (Oso, 1975).

Certamente, o país mais explorado, do ponto de vista etnomicrológico, é o México, onde, a descoberta de fungos alucinógenos, utilizados por diferentes povos em cerimônias religiosas, atraiu a atenção de diversos pesquisadores, tais como, Richard E. Schultes, Joan, B. Johnson, Roger Heim, Rolf Singer, Gaston Guzmán, etc. e mesmo de amadores, entre os quais, destacam-se o casal Roger G. Wasson e Valentina P. Wasson.

Dentro desse contexto têm surgido dados relativos ao conhecimento micológico dos ameríndios do Brasil.

## 2. HISTORICO DA ETNOMICROLOGIA BRASILEIRA

Pode-se dizer que essa área do conhecimento humano iniciou-se apenas recentemente no Brasil, ou seja, há cerca de 12 anos, com a publicação de um trabalho, que objetivou reunir todos os conheci-

mentos etnomicrológicos do país, então existentes de forma bastante esparsa (Fidalgo, 1965), abrangendo, do ponto de vista nomenclatural, cerca de 40 epítetos, incluindo-se entre eles, não apenas os vocábulos propriamente ditos, como também suas variantes fonéticas (Fidalgo & Fidalgo, 1967). Tendo, o trabalho publicado por Fidalgo em 1965, despertado interesse entre os etnólogos foi solicitada sua reedição em revista especializada nesse campo (Fidalgo, 1968). Embora, esse trabalho, não viesse chamar uma especial atenção de etnólogos para os fungos, despertou o interesse de um etnobotânico para esse campo e, com ele, começaram a ampliar-se as informações etnomicrológicas de tribos da região amazônica (Prance, 1972, 1973). Em 1974, Oswaldo Fidalgo e Ghilleen T. Prance visitaram o grupo Sanamá, da tribo dos Yanomamis, na extremidade a noroeste do Território de Roraima, perto da Venezuela, da qual trouxeram 155 coletas de fungos e bom número de informações. No ano seguinte, foi, pela primeira vez, ministrada a disciplina de Etnomicrologia no Brasil por O. Fidalgo, em Curso de Mestrado em Botânica, então, patrocinado em convênio pela Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal Rural de Pernambuco, e, do qual, resultou um trabalho de etnomicrologia reunindo os principais dados da literatura mundial (Poroca, 1975). Com essa disciplina registrou-se também, pela primeira vez, o emprego da palavra etnomicrologia conferindo-lhe uma certa independência da etnobotânica.

Fidalgo & France (1976) publicaram os resultados da viagem feita ao Território de Roraima, enquanto, nessa mesma época, José Massaru Hirata (em comunicação pessoal), colhia algumas informações sobre as tribos do Parque Xingú, Mato Grosso.

Verifica-se, portanto, que, ao poucos, os conhecimentos etnomicrológicos vão se avolumando com maior frequência, a despeito de não haver a definição de uma política que garanta a continuidade e a consequente sobrevivência dessa linha de pesquisa no Brasil.

## 3. OS NOMES DE FUNGOS NAS LINGUAS INDIGENAS.

Do ponto de vista nomenclatural os índios comportam-se dentro de dois padrões distintos: 1. dando nomes aos fungos de acordo com alguma idéia, qualidade ou semelhança que possa caracterizá-los, sem, no entanto, demonstrarem qualquer interesse de conectar um fungo a outro pelo nome; 2. atribuindo epítetos ou sufixos ou prefixos que designem todos os fungos ou apenas os fungos comestíveis, adicionando, qualquer nome lembrando a cor, forma, uma idéia ou sua ligação a algo que permita distingui-los dos demais.

Entre os do primeiro grupo, podem ser mencionados os índios Bororos aos quais, Albisetti & Venturelli em 1962 (Fidalgo, 1965, 1968) atribuem

o conhecimento de três termos micológicos: *aidúdu*; expressão de etimologia desconhecida aplicada a fungo de cheiro fétido; *boé etão*, que significa: fungos lembrando a cabeça de índios Bororos e que, possivelmente, deve referir-se a *Gasteromycetes* ou a *Agaricales* jovens; *jerigibia* traduzível como orelha de lenha seca ou orelha de pau.

Aliás, a expressão "orelha-de-pau" é igualmente usada por outras tribos e pelo homem leigo das cidades para indicar os *Aphyllorrhales* apodrecidos de madeira. Segundo Montoya, em 1976 (Fidalgo, 1965, 1968) encontra-se no vocabulário tupi-guaraní o nome *ihviv-votib* ou *ybi-iboty* (Fidalgo & Fidalgo, 1967) que, dando o sentido de "flôr da terra" se aplica ao *Geaster saccatus* Fr. constituindo uma exceção, á regra, na língua geral. Berkeley, em 1856, descrevendo fungos coletados por Spruce refere-se a um fungo da região de Panuré, como *coatá-pó* (= mão de macaco negro do Amazonas) que recebeu o nome científico de *Polyporus pes-simiae* Berk., cujo tipo se acha desaparecido.

Nesse grupo enquadram-se ainda algumas tribos indígenas do Parque Xingú (Hirata, em comunicação pessoal) já que a vocábulos empregados não evidenciam traduzir qualquer ligação entre os fungos. Assim, a tribo Txucarramãe (Caipó-Gê) do Sub-posto Cretire emprega os nomes *pin-iamac* (= orelha de pau) e *cuclinincrapin* (= cabeça de pau que nasce em fezes de anta) este definindo um cogumelo da terra. A tribo Txicão (Caribe) do Posto Leonardo Vilas Boas emprega numerosos nomes, de significado desconhecido ou não preciso para os autores, a saber: *lérnu* (cogumelo branco da terra), *marulú-nabum* (cogumelo pequeno e escuro), *paching-panam* (orelha de pau), *colé* (?), *ekipitãna*, *cele-panam* (orelha de morcego), *piláu* (cogumelo vermelho escuro), *maulé-buchiro* (cogumelo branco), *acaimogat* (gordura de tatu grande), *tagugo* (cogumelo castanho escuro que possui filamentos), *taguo* (cogumelo pequeno, escuro e farinhento), *apcom* (cogumelo vermelho escuro grande que não comem), *compo-wolu* (cogumelo branco de cheiro ruim que não comem).

Conforme se pode verificar, esses vocábulos resultam de associações de idéias isoladas que não os amarram a um conjunto com certo relacionamento natural.

#### 4. SISTEMAS TAXONOMICOS UTILIZADOS PARA FUNGOS POR DIFERENTES TRIBOS.

Na língua geral tupi-guaraní o nome *urupé* é usado de forma genérica para designar fungo. Quando desejam maior especificação esse vocábulo aparece como prefixo acrescido de um ou mais termos diferenciais, tais como: *urupe-a* ou *urupé-ua*, *urupé-nambi*, *urupé-nambi-abi*, *urupé-nunga-takuapi-rogwe*, *urupé-piranga*, *urupé-ró*, *urupé-ró-phita*,

*urupé-rob*, *urupé-tauá*, *urupé-ti*, *urupé-tinga* (Fidalgo, 1965, 1968 e Fidalgo & Fidalgo, 1967).

O uso do nome *urupé* para fungo acha-se, hoje, bastante difundido e amplamente empregado pelo caboclo brasileiro de norte a sul do país.

Comportamente equivalente é observado na tribo Caiabi (Tupi) do Posto Diauarum do Parque Xingu que dá às orelhas de pau o nome de *ivepó*. Afirmam esses índios que não comem *ivepó* vermelho ou castanho, mas apenas os pretos e brancos. Um fungo comestível é conhecido como *ivepó-mutab*.

Para os fungos não usados em sua alimentação, os índios Sanamás, seja por falta de conhecimento, interesse ou por qualquer outra razão, não empregam sistematicamente um vocábulo que os associa. Mesmo assim, deve-se destacar a presença do prefixo *parolib* ou *patolib* que, em diferentes combinações, é usado para designar fungos das famílias *Polyporaceae*, *Thelephoraceae*, *Clavariaceae*, *Pezizaceae* e *Xylariaceae*, (Fidalgo & Prance, 1976). Aliás, esse prefixo é emitido com um som intermediário que, usualmente corresponde mais a um r, mas, em certos casos equivale a um t.

A expressão *uonchêlá*, não deve aqui ser levada em muita consideração, pois, pode não tratar-se de um nome propriamente dito, mas sim, de uma forma usada para indicar que o fungo não presta como alimento.

O outro sistema taxinômico encontrado entre os índios e, talvez o mais freqüente, consiste em usar a expressão designativa de fungo na forma de sufixo.

Esse é o caso dos índios Mundurucus que empregam o sufixo *rô'p* ou *tô'p* após um ou mais nomes para designar diferentes tipos de fungos, conforme assinalado por Mense em 1947 (Fidalgo, 1965, 1968). Esse sufixo também parece ser emitido com um som intermediário entre o r e o t (Fidalgo & Prance, 1976).

Machado, em 1945 assinalou um sistema equivalente entre os Carajás, em cuja língua, fungo é indicado pelo sufixo *dorrô* ou *dorrô-ni* (Fidalgo, 1965, 1968).

Talvez, o fato mais interessante constatado até o presente, seja a inversão do sistema nomenclatural utilizado pelos índios Sanamás para os fungos comestíveis ou *anamo*. Esta palavra se reduz a *amo*, quando entra na composição de nomes, passando então à forma de sufixo. Sem considerar suas variantes fonéticas ou gráficas, nada menos que 17 vocábulos foram anotados para fungos comestíveis (Fidalgo & Prance, 1976).

#### 5. FUNGOS NA ALIMENTAÇÃO INDIGENA

Segundo Fidalgo (1965, 1968) foi relatado, por Spix e Martius que, entre os índios Maués, quando se declara a gravidez na mulher, o casal submete-se a rigorosa dieta constituída de formiga, cogumelos

e guaraná e, por Roquete-Pinto que, os Nambiquaras da Serra do Norte, consideram certos fungos fervidos como verdadeiros acepipe. Um deles, conhecido por esses índios como *acebi* ou *arezi*, é uma orelha-de-pau poliporóide.

Banner, em 1957, conta que na lenda sobre a origem da lavoura relata-se, o emprêgo de fungos na alimentação pelos índios Caiapó, quando, de início, na falta de melhores alimentos, nutriam-se com farelo de palmeiras em decomposição, de lagartas e de orelhas-de-pau (Fidalgo, 1965, 1968). Hirata (em comunicação pessoal) obteve a informação de que, também só na ausência de outros alimentos, os índios velhos txucarramãe (Caiapó-Ge), do Parque Xingú, comiam fungos. Os índios atuais já não mais reconhecem os fungos que eram assim utilizados.

Em sua viagem pela Amazônia, Spruce soube, junto à Cachoeira Jauareté, que os índios da região, por ocasião da estação úmida, comiam duas espécies de fungos que cresciam debaixo de pés do *umari* (Cf. *Humirium floribunda* Mart.), uma parecendo um agárico e o outro, alguma coisa semelhante a *Fistulina* (Fidalgo, 1965, 1968). Outras informações imprecisas davam conta de um possível emprego do *Polyporus sapurema* Moell., na alimentação, por parte de índios brasileiros, razão pela qual esta espécie é vulgarmente conhecida como pão-dos-índios (Fidalgo, 1965, 1968). Constatou-se que na Amazônia muitos descendentes de índios comem hoje o esclerócio de *Polyporus sapurema* Moell. que, cortado em fatias e frito em gordura, dizem ter o sabor próximo ao da batata frita.

Entre os índios Waikás, que vivem no caminho entre a Serra das Surucucus e o Rio Uraricuera, foi verificado (Prance, 1972, 1973) que são comidos crus, o *shikimamok* (= *chi-quimá-mok*), o *adamasik* e o *mafcomkuk*. O *hodohodokuk*, para ser comido, é antes fervido e depois deixado esfriar. Muitos índios declararam que só o comiam nessas condições. Em visita à aldeia dos índios Sanamás da tribo dos Yanomamis (comumente conhecida como Waiká), na Serra Parima, junto ao Rio Uauaris (Território de Roraima), constatou-se (Fidalgo & Prance, 1976) que esses índios possuem o mais amplo conhecimento sobre fungos, de todas as tribos até o presente visitadas. Além de conhecerem um bom número de fungos, utilizam-nos diariamente em sua alimentação, aproveitando nada menos que 16 espécies cientificamente identificadas. Os cogumelos, lagartas e larvas constituem, para essa tribo, a principal fonte de proteínas, já que, em virtude de um excesso de pesca e caça, essas se tornaram pouco frutíferas. A maioria das espécies de fungos comestíveis são por eles colhidas em suas plantações de mandioca (*manihot*), onde os troncos caídos, tocos, pedaços de madeira semiqueimados ou semidecompostos, sob as condições locais de temperatura e umidade, compõem um ambiente ideal para o desenvolvimento desses fungos, todos apodrecedores de madeira. Estabelece-se, dessa forma, um verdadeiro cultivo acidental de fungos. Um poucas espécies são diretamente colhidas na floresta, primária ou secundária. Em sua

maioria, os cogumelos são comidos após fervidos por algum tempo; dois são ingeridos crus e uma espécie é assada em folha de bananeira. Foram experimentados por Fidalgo e Prance três desses fungos: 1. *uaicassamo* que é duro, coriáceo e sem gosto, mesmo depois de fervido por 30 minutos; 2. *sama-sama-iamo* que, comido cru, mostra-se mais macio, lembra um pouco o paladar de pão, mas, não exibe um gosto distinto; 3. *hamimamo*, que, fervido, apresenta um gosto picante de pimenta. Aliás, esse fungo, para ser identificado, pelo índios é sempre, antes, provado.

Na mesma região, de uma outra tribo visitada (índios Mayongongs do grupo Caribe) foi folhida a informação de que comem apenas um fungo, o *ca-hôca*. Não foi possível convencê-los de mostrarem esse fungo.

Os índios da tribo Txição (Caribe) do Parque Xingú, aparentemente, comem diversas espécies dando, às comestíveis, a denominação genérica de *apco*. Entre eses destacam-se o *lérmu*, que é um cogumelo branco da terra que comem assado e cujo gosto lembra o da batata; o *marulú-nabum*, cogumelo pequeno e escuro que só os velhos comem por estarem acostumados ao seu gosto muito forte e o *paching-panam*, uma orelha-de-pau que é cozida em forno.

Também, no Parque Xingú, foi constatado que os índios Caiabi (Tupi) se alimentam normalmente, na estação das chuvas, do *ivepó-mutab*, fungo que é socado no pilão junto com a farinha de mandioca e com o qual fazem uma espécie de pirão.

Das tribos que vivem no Parque Xingú, ainda não foi possível conseguir espécimes dos fungos que utilizam como alimento e consequentemente, a identificação científica dos mesmos ainda não se tornou viável.

Até o presente, nada menos que 21 espécies foram reconhecidas como sendo utilizadas na alimentação por tribos indígenas brasileiras, a saber: *Coriolus zonatus* (Nees) Quél., *Favolus brasiliensis* (Fr.) Fr., *Favolus brunneolus* Berk. & Curt., *Favolus striatulus* Ell. & Ev., *Favolus tessellatus* Mont., *Gloeoporus thelephoroides* (Hook. ex Kunth) G. H. Cunn. (= *Gloeoporus conchoides* Mont. ex de La Sagra), *Gymnopilus hispidellus* Murr. (?), *Hexagona subcaperata* Murr., *Hydnopolyporus palmatus* (Hook. ex Kunth.) O. Fid., *Lactocollybia aequatorialis* Sing., *Lentinus crinitus* (L. ex Fr.) Fr., *Lentinus glabratus* (Mont. ex de La Sagra, *Lentinus velutinus* Fr., *Neoclitocybe bisseida* (Bres.) Sing., *Panus rudis* Fr., *Pholiota bicolor* (Speg.) Sing., *Pleurotus concavus* (Berk.) Sing., *Polyporus aquosus* P. Henn., *Polyporus sapurema* Moell., *Polyporus stipitarius* Berk. & Curt. e *Polyporus tricholoma* Mont.

## 5. FUNGOS E A MEDICINA INDIGENA

Roquette-Pinto em 1938 relatou que os índios Nambiquaras, que vivem nas proximidades do Rio

São Miguel, afluente do Guaporé, na fronteira do Mato Grosso com a Bolívia, apresentam-se sujeitos a uma dermatomicose endêmica, conhecida, entre eles, como chimberê e que nada mais é do que a tinea imbricata (*Thichophyton concentricum* Blanchard). Em sua fase de aspecto esfoliativo, essa micose é chamada de báanécédulu (Fidalgo, 1965, 1968). Essa talvez seja a única micose reconhecida por índios, de que se tem notícia.

Segundo Martius, o índio atribuía às plantas e a algumas partes das mesmas, de cor vermelha, uma relação com o sangue, explicando, assim, o emprego do urupê-tauá (= urupê-piranga) contra a hemoptise. Pardal em 1937 e Levi-Strauss em 1946 indicaram que o *Polyporus coccineus* Fr. e o *Geaster saccatus* Fr. são usados para tratar hemorragias e distúrbios uterinos (Fidalgo, 1965, 1968).

Conforme informação da ilustradora botânica Margareth Ursula Mee, as caboclas do Mato Grosso e Amazonas utilizam *Trametes cupreoreosa* (Berk.) Lloyd para amenizar as cólicas uterinas por ocasião da menstruação. Tais conhecimentos parecem ter adquirido dos índios Canoeiros, denominação popular da tribo dos Erigpaktša que vivem no Alto Juruena, próximo à Cachoeira de Dois Irmãos, no Município de Aripuanã, Mato Grosso (Fidalgo, 1965, 1968).

## 7. OUTROS EMPREGOS DADOS AOS FUNGOS PELOS ÍNDIOS BRASILEIROS.

Além da utilização de fungos na alimentação e na medicina, a única outra aplicação sugerida, foi fornecida por Viégas em 1959 que suspeitava ter sido a chamada "pedra flexível" mencionada pelo Padre Anchieta, nada além que os esclerócios de *Polyporus sapurema* Moell. e que era empregado para afiar instrumentos (Fidalgo, 1965, 1968).

## 8. GLOSSARIO ETNOMICOLOGICO DAS TRIBOS INDÍGENAS DO BRASIL.

**Acaimogat** (Do Txicão; gordura de tatú grande) - termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Acebi** (Do nambiquara; etimologia ignorada) - variante fonética de arezi dos Tauitês, conforme emitida pelos sabanês. V. arezi.

**Adabamo** (Do sanamá; etimologia ignorada) - nome aplicado ao *Favolus brunneolus* Berk. & Curt. que é coletado das madeiras em decomposição nas plantações de mandioca e comido pelos sanamás. Variante fonética de atapa-ammo.

**Adamasik** (Do waiká; etimologia ignorada) - nome aplicado ao *Favolus tessellatus* Mont. ou à *Hexagona subcaperata* Murr. que os índios Waikás, da Serra das Surucucus comem cru. Possivelmente variante fonética de adamassa. Cf. adamassa.

**Adamassa** (Do waiká; etimologia ignorada) - nome aplicado a fungos comestíveis de diversos gêneros, tais como, *Favolus* sp., *Panus rudis* Fr. e *Lentinus crinitus* (L. ex Fr.) Fr. pelos índios Waikás da Serra Parima. Possivelmente variante fonética de adamasik. Cf. adamasik.

**Aidúdu** (Do bororo; etimologia ignorada) - termo designativo de fungos de cheiro fétido (*Gasteromycetes*).

**Amo** (Do sanamá; etimologia ignorada) - forma reduzida de anamo normalmente usada pelos índios Sanamás, da Serra Parima, como sufixo, para designar fungos comestíveis. Aplicam, também, a expressão amo para o broto terminal comestível de uma *Musaceae* que, no gosto e aparência se assemelha ao palmito. V. anamo.

**Anamo** (Do sanamá; etimologia ignorada) - expressão genérica utilizada, pelos índios Sanamás da Serra Parima, para indicar qualquer fungo considerado como comestível. V. amo.

**Anaté-do-rrô** (Do carajá; etimologia ignorada) - cogumelo luminiscente comum às margens do Rio Araguaia e afluentes.

**Ang-biuant-tó p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) - termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Apco** (Do Txicão; etimologia ignorada) - expressão empregada de forma genérica, pelos índios da tribo Txicão, do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, para designar fungos comestíveis.

**Apcom** (Do txicão; etimologia ignorada) - fungo vermelho escuro, grande, não comestível, da região do Xingú.

**Arezi** (Do nambiquara; etimologia ignorada) - nome aplicado ao *Glocoporus thelephoroides* (Hook. ex Kunt) G. H. Cunn. (= *Glocoporus conchooides* Mont. ex de La Sagra), de que se alimentam os índios Nambiquaras da Serra do Norte, Município de Aripuanã, Mato Grosso. Variante fonética de acebi dos Sabanês. Tem-se notícia que, pelo menos uma tribo indígena da Venezuela, também come esse fungo. V. acebi.

**Atapa-ammo** (Do Sanamá, etimologia ignorada) - variante fonética de adabamo. V. adabamo.

**Báanécédutu** (Do nambiquara; etimologia ignorada) dermatomicose esfoliativa, comum entre os Nambiquaras, possivelmente, uma tinea visinha ao *chimberé*. Cf. *chimberé*.

**Bóe-etao** (Do bororo, *bóe* = índios Bororos + *et* = (d)eles + *ao* = cabeça) — fungos que, quando novos, apresentam forma esferoidal (*Agaricales* e *Gasteromycetes*).

**Buma-rô p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Ca-bôca** (Do mayongong; etimologia ignorada) — expressão empregada pelos índios Mayongongs da Serra Parima, para fungos em geral e, em particular, para um determinado fungo comestível.

**Chimberé** (Do nambiquara; etimologia ignorada) — dermatomicose endêmica, que ocorre entre os índios Nambiquaras, reconhecida como sendo a "tinea imbricata", vulgarmente chamada de "tokeláu", por ter sido observada, previamente, entre os índios do Arquipélago de Tokeláu, no Oceano Pacífico. O agente etiológico do *chimberé* foi, inicialmente, descrito como *Endodermophyton roquettei* Fonseca, mas que, segundo Lacaz em 1960, dadas as semelhanças culturais, deve ser incluído na sinonímia de *Trichopyton concentricum* Blanchard. Cf. *báanécédutu*.

**Chio-coni-amo** (Do sanamá, *chic* = anus + *coini* = cabeludo, piloso + *amo* = fungo comestível) — nome aplicado a diversas espécies agaricóides com pelos, entre os quais, *Panus rudis* Fr., *Lentinus erinitus* (L. ex Fr.) Fr. e *Lentinus velutinus* Fr., pelos índios Sanamás da Serra Parima. Essas espécies são coletadas das madeiras em decomposição, nas plantações de mandioca e ingeridas após fervidas. Fidalgo & Prance em 1976, propuseram a variante gráfica *shio-koni-amo*, de acordo com a fonética inglesa.

**Chi-quemá-amo-gũé** (Do sanamá, *chi-quimá* = pequeno papagaio + *amo-gũé* = fungo comestível) — assim é chamado o *Hydnopolyporus palmatus* (Hook. ex Kunth.) O. Fid., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que o coletam das madeiras em decomposição, nas plantações de mandioca e o comem após fervê-lo. Variante fonética de *chi-quimó-amo-qũé*.

**Chi-quimá-mok** (Do waiká; etimologia em dúvida) — os índios Waikás da Serra das Surucucus aplicam esse nome ao *Favolus brasiliensis* (Fr.) Fr. que é por eles comido cru. É possível que este vocábulo tenha alguma relação com o

*chi-quimo-amo* dos índios Sanamás. Prance em 1972, propôs a variante gráfica *shikimamok* de acordo com a fonética inglesa.

**Chi-quimo-amo** (Do sanamá, *chi-quimá* = um pequeno papagaio + *amo* = fungo comestível) — nome atribuído ao *Coriolus zonatus* (Nees) Quél., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que o ingerem após fervê-lo.

**Chi-quimó-amo-qũé** (Do sanamá, *chi-quimá* = pequeno papagaio + *amo-qũé* = fungo comestível) — variante fonética de *chi-quemá-amo-qũé*. V. *chi-quemá-amo-qũé*.

**Coatá-po** (Do tupi-guaraní, *coatá* = *Ateles paniseus* (?), macaco negro do Amazonas + *pó* = mão) — nome atribuído ao *Polyporus* (*Pleuropus*) *pes-simiae* Berk. por indígenas da região de Panuré (Tucanos ?).

**Codobamo** (Do sanamá, *corob* = torax + *amo* = fungo comestível) — nome aplicado ao *Polyporus tricholoma* Mont., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que o coletam das madeiras em decomposição, nas plantações de mandioca e o comem após fervê-lo. Variante fonética de *corobamo*, *corobô-amo* e *coto-pô-amo*. Cf. *bo-pé*.

**Coini-amo** (Do sanamá, *coini* = cabeludo, piloso + *amo* = fungo comestível) — nome usado para *Lentinus crinitus* (L. ex Fr.) Fr., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que o coletam das madeiras em decomposição, nas plantações de mandioca e o comem após fervê-lo. Também é usada a expressão *chio-coni-amo* para essa espécie. Cf. *chio-coni-amo*.

**Colé** (Do txicão; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Come-come-ca** (Do sanamá, *come-come* = cheio) — nome atribuído a *Xylaria* sp. não comestível, pelos índios Sanamás da Serra Parima. O mesmo que *parolih-dé-ossuai*. Fidalgo & Prance em 1976 propuseram a variante gráfica *komi-komi-ca*, em conformidade com a fonética inglesa. Cf. *parolih-dé-ossuai*.

**Compo-wolu** (Do txicão; etimologia ignorada) — nome dado pelos índios da tribo Txicão, do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, a fungo da região que exala cheiro ruim e que não comem.

**Corobamo** (Do sanamá, *corob* = torax + *amo* = fungo comestível) — variante fonética de *codobamo*, *corobô-amo* e *cotopô-amo*. V. *codobamo*.

**Corobô-amo** Do sanamá, *corob* = torax + *amo* =

fungo comestível) variante fonética de **codobamo**, **corobamo** e **cotopô-amo**. V. **codobamo**.

**Cotopô-amo** (Do sanamá, **corob** = torax + **amo** = fungo comestível) variante fonética de **codobamo**, **corobamo** e **corobô-amo**. V. **codobamo**.

**Crepuru-rô-p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Cucrí-nin-crã-pin** (Do txucarramãe, **cucrí** = anta + **nin** = fezes + **crã** = cabeça + **pin** = pau) — nome pelo qual os índios, da tribo Txucarramãe do Sub-posto Cretire do Parque Xingú, conhecem cogumelos da região que dão na terra.

**Dacha-mag-á-rô'b** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Dichthybaki** (Do tupi-guarani; etimologia ignorada) — termo empregado na metade inferior do Rio Uaupés, pelo índios Tucanos, para designar os fungos de um modo geral (grafia proposta por Spruce, baseado na fonética inglesa).

**E-dorrô** (Do carajá; etimologia ignorada) — orelha-de-pau. Os índios Carajás, do Rio Araguaia e Rio das Mortes empregam esse vocábulo para designar particularmente o *Pycnoporus sanguineus* (L. ex Fr.) Murr. Cfr. **e-dorrô-ni**. Cf. **parolih-dê**, **urupé-pi-ranga**, **urupé-ro-phita** e **urupé-tauá**.

**E-dorrô-ni** (Do carajá; etimologia ignorada) — orelha-de-pau espessa e perene. Com esse vocábulo os índios Carajás, do Rio Araguaia e Rio das Mortes, diferenciam as formas normalmente perenes, mas, sempre espessas, das de píleo fino e usualmente anuais. Cfr. **e-dorrô**.

**Ekipitãna** (Do txicão, etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Gurupé** (Do nheêngatu, **iru** = vaso + **pé** = casca) — variante fonética de **urupé**. Empregado principalmente para designar os fungos achatados do tipo orelha-de-pau (*Polyporaceae* e outras famílias de *Aphylliphorales*). Variante fonética e gráfica de **urupé**. V. **urupé**.

**Hamimamo** (Do sanamá, **hami** = pimenta; que arde como pimenta + **amo** = fungo comestível) — vocábulo aplicado a *Lentinus* sp. ou *Pleurotus* sp. que se apresentam picantes: os índios Sanamas, da Serra Parima, os coletam das madeiras em decomposição nas plantações de mandioca e os comem após fervê-los.

**Hamimamo-amuai** (Do sanamá, **hami** = pimenta, que

arde como pimenta + **amo** = fungo comestível + **uai** = pequeno) — nome usado para a *Lactocollybia aequatorialis* Singer, espécie de paladar picante; os índios Sanamás da Serra Parima a coletam das madeiras em decomposição nas plantações de mandioca e a comem depois de fervida. Fidalgo & Prance em 1976, propuseram a variante gráfica **hamimamo-amwai**, de acordo com a fonética inglesa.

**Hassamo** (Do sanamá, **hassa** = veado + **amo** = fungo comestível) — nome dado ao *Favolus striatulus* Ell. & Ev. e a *Polyporus* sp., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que os coletam das madeiras em decomposição nas plantações de mandioca e os comem após fervê-los.

**Hassamo-holichi** (Do sanamá, **hassa** = veado + **amo** = fungo comestível + **holichi** = mentira, falso) — nome usado para um *Pleurotus* sp. não comestível (?), pelos índios Sanamás da Serra Parima, Cfr. **hiualamo**.

**Hiualamo** (Do sanamá, **hiuala** = porco espinho + **amo** = fungo comestível) — epíteto, empregado por índios Sanamás da Serra Parima, para um *Pleurotus* sp., dito comestível. Uma das coleções recebeu de alguns índios o nome de **hiualamo**, enquanto outros, a denominaram **bassamo-holichi**. O significado deste nome justifica a confusão. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica **hiwalamo**, de acordo com a fonética inglesa. Cfr. **bassamo-holichi**.

**Hodohodokuk** (Do waiká; etimologia ignorada) — os índios Waikás, da Serra dos Surucucus, assim chamam uma espécie comestível, *Neotelium bissida* (Bres.) Sing., que é ingerida depois de fervida, mas, deixada esfriar antes de ser comida. Muitos índios foram taxativos de que só a comeriam fria depois de fervida.

**Ho-pé** (Do waiká; etimologia ignorada) — nome usado para o *Polyporus tricholoma* Mont., espécie considerada como comestível por índios Waikás da Serra Parima, Cf. **codobamo**.

**Huanta-uhu-aie-niei-bô-rô'p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Huare-rarem-tô'p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Huare-rô'p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Huei-rare-a-rô'p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Ibi-iboti** (Do tupi-guaraní, ibi = terra + iboti = flôr) — nome atribuído ao *Geaster saccatus* Fr., que é empregado pelos índios no tratamento de hemorragias. Para o mesmo vocábulo foram propostas as formas gráficas yby-iboty por Fidalgo & Fidalgo em 1967 e ibiyih yotih por Pardal em 1937, esta, de acordo com a fonética castelhana.

**I-nichi-amo** (Do sanamá, nichi = cheiro + amo = fungo comestível) epíteto indígena dado à *Pholiota bicolor* (Speg.) Sing., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que a coletam diretamente de árvores da floresta secundária e a comem após fervê-la. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica i-nishi-amo de acordo com a fonética inglesa. O mesmo que I-nichi-mi-amo.

**I-nichi-mai-dá** (Do sanamá, nichi = cheiro + ma = não) — nome de *Clavariaceae* não comestível dado pelos índios Sanamás da Serra Parima. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica i-nishi-mai-dah, de conformidade com a fonética inglesa.

**I-nichi-mi-amo** (Do sanamá, nichi = cheiro + amo = fungo comestível) — V. i-nichi-amo.

**Ipi-rabichib-a-rô'p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Ipi-rô'p-rô'p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Ivepó** (Do caiabi, possivelmente significando orelha-de-pau) — expressão genérica usada pelos índios Caiabi do Posto Diauarum do Parque Xingú, para designar fungos do tipo orelha-de-pau. Dizem que não comem o ivepó vermelho e o castanho, mas apenas, o branco e o preto (?).

**Ivepó-mutab** (Do caiabi, ivepó possivelmente significando orelha-de-pau) — nome empregado pelos índios Caiabi, do posto Diauarum do Parque Xingú, para um fungo comestível do qual fazem uma espécie de "pirão", socando-o no pilão com farinha de mandioca. Esse tipo de alimento é normalmente usado na estação das chuvas. Não se conhece ainda o fungo que utilizam.

**Jerígi - bia** (Do bororo, ji = sua + erígi = lenha seca + bia = orelha) — assim os índios Bororos designaram os fungos do tipo orelha-de-pau

(*Polyporaceae* e outras famílias de *Aphyllorales*).

**Lele-panam** (Do txicão, lele = morcego + panam = orelha) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Lêrmu** (Do txicão; etimologia ignorada) — vocábulo atribuído, pelos índios da tribo Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, a um cogumelo branco da região que nasce na terra e que é comida assado. Dizem que seu gosto é próximo ao da batata. Não foi ainda conseguido material para uma identificação científica.

**Mafcomkuk** (Do waiká; etimologia ignorada) — nome aplicado ao *Polyporus stipitarius* Berk. & Curt., que é comido cru pelos índios Waikás da Serra das Surucucus.

**Marulú-nabum** (Do txicão; etimologia ignorada) — epíteto que caracteriza um fungo pequeno e escuro da região Xingú, que apenas os índios velhos, da tribo Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, comem. E dito ter um gosto muito forte.

**Maulé-buchiro** (Do txicão; etimologia ignorada) — assim é chamado, pelos índios da tribo Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, um fungo branco da região.

**Nai-nai-amo** (Do sanamá, (?) + amo = fungo comestível) — nome atribuído ao *Lentinus glabratus* Mont. ex de La Sagra por índios Sanamás da Serra Parima, que o coletam das madeiras em decomposição, nas plantações de mandioca e o comem cru ou após fervido.

**Paching-panam** (Do txicão, paching = pau (?) + panam = orelha) nome de orelha-de-pau comestível, dado por índios da tribo Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, que a cosinham em forno.

**Parolith-dé** (Do sanamá, parolith = coberto + dé = o qual é) — expressão usada, pelos índios Sanamás da Serra Parima, para diversos fungos não comestíveis, tais como: *Amauroderma* spp. de píleo fino (Cr. *peli-poli-á*). *Dasdalea elegans* Spreng. ex Fr. (Cf. *uaini-se-rá*), *Gloeophyllum striatum* (Swartz ex Fr.) Murr., *Hymenochaete damaecornis* (Link) Lév., *Pycnoporus sanguineus* (L. ex Fr.) Murr. (Cf. *e-dorrô*, *urupé-piranga*, *urupé-ro-phita* e *urupé-taua*), *Stereum australe* Lloyd é *Pezizaceae*.

**Parolih-dé-ossuai** (Do sanamá, **parolih** = coberto + **dé** = o qual é + **os** = tenro, mole, jovem + **uai** = pequeno, sim) — nome dado a espécie de *Xylaria* não comestível, pelos índios Sanamás da Serra Parima. O mesmo que **come-comes-ca**. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica **parolih-dé-osswai**, em concordância com a fonética inglesa. Cf. **come-comes-ca**.

**Parolih-digostê** (Do sanamá, **parolih** = coberto + **di** = sempre) — designação dada à *Clavariaceae* não comestível, pelos índios Sanamás da Serra Parima.

**Peli-poli-á** (Do sanamá, **poli-poli** = lua, na forma de meia lua) — nome atribuído a diversas espécies poliporóides espessas rígidas e com píleo semicircular, tais como *Fomes marmoratus* (Berk. & Curt.) Cooke e *Amauroderma* spp., pelos índios Sanamás da Serra Parima. Cf. **parolih-dé**.

**Pida-pida-lhamo** (Do sanamá, (?) + **amo** = fungo comestível) — os índios Sanamás da Serra Parima o aplicam ao *Gymnopilus hispidellus* Murr. que alguns dizem ser comestível e outros não. Cf. **Wonchelá-dé-ámo-áni**.

**Piláu** (Do txicão; etimologia ignorada) — epíteto dado a fungo vermelho escuro, pelos índios da tribo Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú.

**Pin-iamac** (Do txucarramãe, **pin** = pau + **iamac** = orelha) — os índios, da tribo Txucarramãe do Subposto Cretire do Parque Xingú, assim chamam os fungos comestíveis do tipo orelha-de-pau.

**Plo-plo-le-amo** (Do sanamá, **plo-plo** = nome onomatopáico, relativo ao som emitido por um sapo + (?) + **amo** = fungo comestível) — os índios Sanamás da Serra Parima, aplicam-no ao *Pleurotus concavus* (Berk.) Sing. que, só após ser fervido, é comido. Variante gráfica fonética e gráfica de **plo-plo-le-amo**, **po-po-le-amo** e **po-po-leámo**.

**Plo-plo-le-amo** (Do sanamá, **plo-plo** = nome onomatopáico, relativo ao som emitido por um sapo + (?) + **amo** = fungo comestível) — variante fonética e gráfica de **plo-plo-le-amo**. V. **plo-plo-le-amo**.

**Po-po-le-amo** (Do sanamá, **plo-plo** nome onomatopáico, relativo ao som emitido por um sapo + (?) + **amo** = fungo comestível) — variante fonética e gráfica de **plo-plo-le-amo**. V. **plo-plo-le-amo**.

**Po-po-le-amo** (Do sanamá, **plo-plo** nome onomatopáico relativo ao som emitido por um sapo + (?) + **amo** = fungo comestível) — variante fonética e gráfica de **plo-plo-le-amo**. V. **plo-plo-le-amo**.

**Re-dorró** (Do carajá; etimologia ignorada) — variante fonética de **e-dorró**. V. **e-dorró**.

**Sama-sama-iamo** (Do sanamá, **sama-sama** = arraia de ferrão + **amo** = fungo comestível) — os índios Sanamás da Serra Parima aplicam esse nome ao *Polyporus aquosus* P. Henn. que é apanhado na floresta, comido cru e que lembra uma arraia de ferrão encontrada no Rio Uauaris.

**Sú-dorró** (Do carajá; etimologia ignorada) — de um modo geral, designa, para os índios Carajás, do Rio Araguaia e Rio das Mortes, todos os fungos de chapéu, ou seja, em sua maioria as Agaricales.

**Tagugo** (Do txucão; etimologia ignorada) — epíteto atribuído, pelos índios da tribo Txicão do Posto Leonardo Bilas Boas do Parque Xingú, a um fungo castanho escuro da região que possui pelos.

**Taguo** (Do txicão; etimologia ignorada) — nome dado pelos índios da tribo Txicão do Posto Leonardo Vilas Boas do Parque Xingú, a um fungo pequeno, escuro e farinhento, da região.

**Tareo-curup-tô-p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Tareo-tô-p** (Do mundurucu; etimologia ignorada) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Uaicassamo** (Do sanamá, **uaicá** = índio waiká + **amo** = fungo comestível) — nome aplicado ao *Favolus brasiliensis* (Fr.) Fr., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que o colhem de árvores da floresta ou de madeiras em decomposição, nas plantações de mandioca e o comem assado ou após ser fervido. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica **waikassamo**, de acordo com a fonética inglesa.

**Uaini-se-rá** (Do sanamá, **uai** = pequeno, sim + **ani** = feio, ruim, mau) — assim, é chamado um fungo poliporóide não comestível, *Daedalea elegans* Spreng. ex. Fr., pelos índios Sanamás da Serra Parima. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica **waini-se-rah**, em conformidade com a fonética inglesa. Cf. **parolih-dé**.

**Uonchêlá-amo-qitê** (Do sanamá, *uonchêlá* = que não é bom, que não presta + *amo* = fungo comestível) — nome dado a fungos não comestíveis alucinogênicos, *Psilocybe* sp. e *Psilocybe plutonia* (Berk. & Curt.) Sacc., pelos índios Sanamás da Serra Parima. Não foi possível precisar se *uonchêlá-amo-qitê* é realmente um nome ou uma expressão para indicar que o fungo não serve para comer. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica *wonshelá-amo-qitê*, baseada na fonética inglesa.

**Uonchê-lá-dê** (Do sanamá, *uonchêlá* = que não é bom, que não presta + *dê* = o qual é) — nome usado para fungos gelatinosos, não comestíveis, tais como *Auricularia* spp., *Tremella* spp. e outros, pelos índios Sanamás da Serra Parima. Não foi possível precisar se *uonchêlá-dê* se trata realmente de um nome, ou constitui uma expressão para indicar que o fungo não é bom para comer. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica *wonshelá-dê* de acordo com a fonética inglesa.

**Uonchê-dê-amo-ani** (Do sanamá, *uonchêlá* = que não é bom, que não presta + *dê* = o qual é + *amo* = fungo comestível + *ani* = feio, ruim, mau) — nome aplicado ao *Gymnopilus depressus* Murr., pelos índios Sanamás da Serra Parima, que não o consideram como comestível. Segundo Singer, no entanto, esta espécie é comida no Peru, onde é conhecida como *callampas* del árbol. Não foi possível precisar se *uonchêlá-dê-amo-ani* se trata realmente de um nome, ou constitui uma expressão, para indicar que o fungo não é bom para comer. Fidalgo & Prance, em 1976, propuseram a variante gráfica *wonshelá-dê-amo-ani*, de acordo com a fonética inglesa. Cf. *pida-pida-lhamo*.

**Urupê** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca) — vocábulo que, isolado ou combinado, designa fungo. Variante fonética e gráfica de *gurupê*. V. *gurupê*.

**Urupê-a** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *ua* = fruta) — vocábulo empregado, principalmente, para designar os fungos achatados, do tipo orelha-de-pau (*Polyporaceae* e outras famílias de *Aphyllphorales*). Variante fonética e gráfica de *urupê-ua*. V. *urupê-ua*.

**Urupê-nambi** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *nambi* = de orelha) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Urupê-nambi-abi** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *nambi* = orelha + *abi* = (?) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Urupê-nunga-takuapi-rogwé** (Do tupi-guarani,

*iru* = vaso + *pê* = casca; etimologia desconhecida para os demais vocábulos) — termo micológico de significado preciso desconhecido. Grafia proposta por Pardal, em 1937, baseado na fonética castelhana.

**Urupê-piranga** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *piranga* = vermelho) — termo empregado, especialmente, para designar o *Pyenoporus sanguineus* (L. ex Fr.) Murr., fungo utilizado pelos índios para o tratamento de hemorragias. Cf. *e-dorrô*, *parolih-dê*, *urupê-ro-phita*, *urupê-tauá*.

**Urupê-rô** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *rô* = ?) — termo micológico de significado preciso desconhecido. É possível que se trate de variante fonética de *urupê-rob*.

**Urupê-rob** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *rob* = amargo) — trata-se de uma espécie desconhecida de *Agaricales*.

**Urupê-ro-phita** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca; etimologia desconhecida para os demais vocábulos) — vocábulo empregado para designar o *Pyenoporus sanguineus* (L. ex Fr.) Murr., grafia proposta por Pardal, em 1937, baseado na fonética castelhana. Cf. *e-dorrô*, *parolih-dê*, *urupê-piranga*, *urupê-tauá*.

**Urupê-tauá** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *tauá* = vaso) — vocábulo empregado para designar o *Pyenoporus sanguineus* (L. ex Fr.) Murr. Cf. *e-dorrô*, *parolih-dê*, *urupê-piranga*, *urupê-ro-phita*.

**Urupê-ti** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *ti* = nariz, focinho) — termo micológico de significado preciso desconhecido.

**Urupê-tinga** (Do tupi-guarani, *iru* = vaso + *pê* = casca + *tinga* = branco) — *Cantharellus* sp. (?)

**Urupê-ua** (Do *nheêngatu*, *iru* = vaso + *pê* = casca + *ua* = fruta) — variante fonética e gráfica de *urupê-a*. V. *urupê-a*.

**Ybi-iboty** (Do tupi-guarani, *ibi* = terra + *iboty* = flôr) — variante gráfica proposta por Fidalgo & Fidalgo, em 1967, para *ibi-iboty*. V. *ibi-iboty*.

## 9. CONCLUSOES

1. A Etnomicologia encontra-se numa fase primária de desenvolvimento trazido a lume o conhecimento micológico de um número limitado de povos.

2. Pelos dados já levantados verificou-se que, em praticamente todos os continentes são encontrados povos micófilos, destacando-se de forma especial como tais os povos primitivos do México.

3. A Etnomicologia tem trazido contribuições relevantes nos campos da linguística, da religião, da medicina e da alimentação indígenas.

4. Dentro da linguística, além do conhecimento dos vocábulos designativos de fungos e do estudo de suas respectivas etimologias ficou evidente que alguns povos possuem um verdadeiro instinto taxinômico, enquanto outros não exibem qualquer tendência de correlação das espécies dentro de uma estrutura linguística. Sob esse ponto de vista demonstrou possuir instinto taxinômico algumas tribos micófilas do Brasil. Estas reúnem os fungos (muitas vezes apenas aqueles utilizados na alimentação) sob um vocábulo comum que aparece como nome básico antecedendo aos demais característicos da espécie ou sob a forma de

sufixo designativo de fungo. Neste último caso o prefixo é que diferencia as espécies. As tribos que não demonstram qualquer instinto taxinômico atribuem nomes aos fungos que os relacionam a coisas conhecidas (com frequência a animais), mas não entre si.

5. As espécies de fungos com propriedades psicótropas são as que se destacam no culto religioso de diferentes povos primitivos e especialmente os do México que os utilizam para "falar com os seus Deuses".

6. Vários fungos são empregados como medicinais e em particular como hemostáticos ou como anestésicos. Os fungos vermelhos, devido a sua cor, são atribuídas propriedades medicinais para doenças relacionadas com o sangue.

7. Aparentemente os fungos são usados com mais frequência na alimentação por tribos que vivem em regiões onde a caça e a pesca são escassas. Nestes casos os fungos contribuem para reduzir a deficiência protéica do regime alimentar dessas tribos.

## AGRADECIMENTOS

Os autores desejam agradecer a José Massaru Hirata, aluno do Curso de Pós-Graduação e Auxiliar de Ensino da Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, pelos dados colhidos junto às tribos Txucarramãe, Txicão e Caiabi do Parque Xingú.

## REFERENCIAS

- FIDALGO, O. (1965) - Conhecimento micológico dos índios brasileiros. Rickia, São Paulo, 2: 1-10, 1 fig.
- (1968) - Conhecimento micológico dos índios brasileiros. Rev. Antrop., São Paulo, 15-16: 27-34 (1967-1968).
- & FIDALGO, M. E. P. K. (1967) - Dicionário Micológico. Rickia, São Paulo, Supl. 2: X + 232 pp., pl. 1-20, fig. 1-217.
- & PRANCE, G. T. (1976) - The ethnomycology of the Sanama Indians. Mycologia, Lancaster, 68: 201-210, fig. 1-8, tab. I-II.
- MINGOIA, Q. (1970) - Fungos alucinógenos. pp. 165-170. In Lacaz, C. S., Minami, P. & Purchio, A. (ed.). O grande mundo dos fungos. São Paulo; Ed. USP & Ed. Polígono, 255 pp., ilustr.
- OSO, A. B. (1975) - Mushrooms and the Yoruba people of Nigeria. Mycologia, Lancaster, 67: 311-319, 1 fig.
- POROCA, D.J.M. (1975) - Etnomicologia. Recife: UFPE & UFRPE, 49 pp. (mimeografado).
- PRANCE, G.T. (1972) - An ethonobotanical comparison of four tribes of Amazonian Indians. Acta Amazonica, Manaus, 2: 7-27, fig. 1-17.
- (1973) - The mycological diet of the Yanomam Indians. Mycologia, Lancaster, 65: 248-250, 1 fig.
- SINGER, R. (1958) - Observations of agarics causing cerebral mycetisms. Mycopath. & Mycol. appl., Den Haag 9: 261-267.